

VENCEDOR DO ITW THRILLER AWARD • FINALISTA DO ANTHONY AWARD

NUNCA ESQUEÇAS O PASSADO

HÁ SEGREDOS
QUE NÃO
FICAM
ENTERRADOS

JENNIFER HILLIER

BESTSELLER DO *USA TODAY*



Para o Mox

PARTE UM
NEGAÇÃO

«Nem sequer sei porque é que estava a correr —
acho que era só porque me deu para aí.»

J. D. Salinger, *A Espera no Centeio*

1

O julgamento mal teve repercussão nas notícias a nível nacional. O que é bom, porque implica menos publicidade, menos repórteres. Mas também é mau, pois quão depravados têm de ser os crimes hoje em dia para merecerem manchetes na imprensa nacional?

Bastante depravados, ao que parece.

Houve apenas uma breve menção a Calvin James, também conhecido como «o Estrangulador de Sweetbay», no *New York Times* e na CNN, e os seus crimes não são sensacionais o suficiente para merecerem destaque na revista *People* ou serem discutidos no programa *The View*. Mas para os habitantes do Noroeste do Pacífico — pessoas dos estados de Washington, Idaho e Oregon — o julgamento do Estrangulador de Sweetbay é extremamente importante. O desaparecimento de Angela Wong, há catorze anos, causou um grande impacto em toda a região de Seattle, pois o pai de Angela é uma figura importante na Microsoft e amigo de Bill Gates. Houve equipas de busca, entrevistas, uma recompensa monetária que aumentava diariamente. A descoberta dos restos mortais da jovem de 16 anos, tantos anos depois — a apenas uns oitocentos metros de casa — causou grande comoção na comunidade. As pessoas da região lembram-se bem. *#JustiçaParaAngela* era uma das tendências do *Twitter* naquela manhã, tendo chegado a ser a nona ou décima *hashtag* mais popular durante apenas três horas, o que ainda assim era bastante significativo.

Os pais de Angela estão presentes no tribunal. Divorciaram-se um ano após o desaparecimento da filha, o último fio esgaçado num casamento que já se vinha a deteriorar há uma década. Agora, sentam-se lado a lado com os seus atuais cônjuges, algumas filas

atrás da mesa do procurador, unidos na dor e no desejo de ver feita justiça.

Georgina Shaw não consegue olhá-los nos olhos. Ver aqueles rostos marcados por partes iguais de mágoa e raiva é o mais difícil. Poderia ter-lhes poupado catorze anos de noites sem dormir. Poderia ter-lhes contado o que realmente aconteceu naquela noite.

Geo poderia ter feito muitas coisas.

Há catorze anos, a mãe de Angela era uma mulher superficial e materialista, mais preocupada com a sua imagem no clube de campo do que em cuidar da filha adolescente. O pai não era muito melhor, obcecado que era pelo trabalho e preferindo jogar golfe e póquer aos fins de semana a passar tempo com a família. Até Angela desaparecer. Nessa altura, uniram-se, mas foi sol de pouca dura e acabaram por se separar. Reagiram ao seu desaparecimento como qualquer pai e mãe normais reagiriam. Ficaram vulneráveis. Sensíveis. Geo quase não reconhece Candace Wong, agora Candace Platten. Engordou nove quilos num corpo antes incrivelmente magro, mas o peso extra faz com que pareça mais saudável. Victor Wong está praticamente na mesma, salvo uma barriga um pouco maior e muito menos cabelo.

Geo passou boa parte da infância em casa de Angela, a comer *pizza* na cozinha deles, dormindo lá inúmeras vezes quando o pai estava de serviço à noite nas urgências do hospital. Acompanhou de perto os Wongs durante os dias em que a sua única filha não voltava para casa, tranquilizando-os e dizendo-lhes que seria encontrada, dando-lhes respostas que os faziam sentir-se melhor, mas longe de serem verdadeiras. Os Wongs foram convidados para a formatura da St. Martin's High School, onde receberam um prémio especial em nome de Angela, que tinha sido líder da equipa de *cheerleaders*, a estrela da equipa de voleibol e uma aluna exemplar. E todos os anos, já depois de terminado o secundário, Candace Wong Platten enviava um cartão de Natal a Geo de

onde quer que estivesse no mundo. Uma dúzia de cartões, todos assinados da mesma forma. «Com amor, a mãe da Angie».

Agora odeiam-na. Os pais de Angela não tiram os olhos de cima de Geo desde que ela entrou no tribunal. O mesmo faz o júri, agora que ela está sentada no banco das testemunhas.

Geo está preparada para as perguntas e responde-lhes como ensaiou, mantendo os olhos fixos num ponto aleatório ao fundo da sala enquanto depõe. O procurador-adjunto preparou-a bem para aquele dia e, em muitos aspetos, parece que está ali apenas para esclarecer os acontecimentos daquela noite e tornar o julgamento mais dramático e interessante. De resto, o caso da Procuradoria parece ser bastante simples. Têm provas mais do que suficientes para condenar Calvin James por outros três homicídios ocorridos muito depois do de Angela, mas Geo está ali apenas para falar sobre a noite em que a sua melhor amiga morreu. É o único homicídio em que esteve envolvida e, assim que prestar o seu testemunho, será enviada para o Estabelecimento Prisional de Hazelwood para começar a cumprir a sua pena de cinco anos.

Cinco anos. É simultaneamente um pesadelo e uma bênção, o resultado de um habilidoso acordo judicial feito pelo seu dispendioso advogado e da pressão sobre o procurador distrital para prender o Estrangulador de Sweetbay. O povo clama pela pena de morte para o assassino em série, mas isso não vai acontecer. Não numa cidade tão liberal como Seattle. O procurador-adjunto tem boas hipóteses de conseguir penas perpétuas cumulativas para Calvin James, por isso, em contraste, a pena de cinco anos de Geo, de acordo com alguns dos comentários do *#JustiçaParaAngela* nas redes sociais, é claramente leve. Geo ainda será jovem quando sair da prisão, com muito tempo para recomeçar. Poderá ainda casar, ter filhos, construir uma vida.

Em teoria, pelo menos.

Olha de relance para Andrew, sentado estoicamente ao lado do seu pai, na terceira fila a contar de trás. É ele a razão pela qual ela

está bonita hoje; mandou entregar-lhe o seu vestido *Dior* favorito e os sapatos *Louboutin* de manhã. O olhar de ambos encontra-se. Andrew oferece-lhe um pequeno sorriso de encorajamento, e isso acalenta-a um pouco, mas Geo sabe que não durará.

O seu noivo não sabe o que ela fez. Em breve ficará a saber. Geo olha para as suas mãos, cuidadosamente cruzadas sobre o colo. O anel de noivado, o qual ostenta um diamante oval de três quilates e um quilate adicional de diamantes mais pequenos em redor da pedra central, ainda está no seu dedo. Por enquanto. Andrew Shipp tem um gosto impecável. Claro que sim; vem-lhe da educação privilegiada, do importante nome de família e da conta bancária recheada. Quando ele terminar a relação — o que obviamente acontecerá, já que a única coisa mais importante para ele do que Geo é a empresa da família —, ela devolver-lhe-á o anel.

Como não poderia deixar de ser. É a coisa certa a fazer.

Voltada para o júri, sobre um cavalete, uma fotografia de Angela ampliada em tamanho póster. Geo lembra-se do dia em que a fotografia foi tirada, poucas semanas após o início do décimo primeiro ano na St. Martin's High School. Geo tem a versão completa da fotografia algures em casa, na qual as duas melhores amigas estão lado a lado na Puyallup Fair (agora rebatizada de Washington State Fair) — Geo com uma nuvem de algodão doce azul na mão e Angela com um cone de gelado a derreter. A fotografia, agora ampliada e com Geo cortada, é um grande plano de Angela a rir, com o cabelo e os olhos castanhos a reluzirem ao sol. Uma rapariga bonita, num dia bonito, com o mundo a seus pés.

Ao lado da fotografia, num outro cavalete, outra fotografia ampliada. Mostra os restos mortais de Angela, encontrados na floresta atrás da casa onde Geo passou a infância. Apenas uma pilha de ossos na terra: qualquer pessoa reconheceria que se veem coisas bem piores na televisão. A única diferença é que os ossos desta fotografia são reais e pertencem a uma rapariga que morreu

demasiado nova e de uma forma tão violenta que se torna difícil compreender.

O procurador continua a fazer perguntas, pintando um retrato de Angela Wong para o júri através dos olhos de Geo. Ela continua a responder, sem acrescentar mais pormenores do que os necessários. A sua voz ecoa pelos pequenos altifalantes do tribunal, soando mais calma do que ela efetivamente se sente. A profunda tristeza que carrega consigo desde o assassinato de Angela parece diluir-se na sua tentativa de falar de forma clara e articulada.

Com um olhar penetrante, Calvin observa-a atentamente da mesa do réu. É como se estivesse a ser violada novamente. Geo relata ao tribunal a relação que tinham à época, quando eram namorados, quando ele ainda era Calvin e não o Estrangulador de Sweetbay, quando ela tinha apenas 16 anos e pensava que estavam apaixonados. Relata os abusos, tanto verbais quanto físicos, falando aos presentes no tribunal, os quais a ouviam fascinados, sobre a natureza obsessiva e controladora de Calvin. Descreve o seu temor e confusão, coisas que nunca havia dito a ninguém antes, nem mesmo a Angela, e muito menos ao pai. Coisas que durante anos ficaram guardadas num cofre dentro da sua cabeça, armazenadas num recanto da sua mente que nunca se permitiu visitar.

Se concedessem títulos académicos pela capacidade de compartimentação de sentimentos, Geo teria um doutoramento.

— Anos depois, quando viu as notícias, percebeu que Calvin James era o Estrangulador de Sweetbay? — pergunta-lhe o procurador-adjunto.

Geo abana a cabeça.

— Nunca vi as notícias. O meu pai, que ainda mora em Sweetbay, falou-me um pouco sobre o assunto, mas eu nunca fiz essa associação. Suponho que não estivesse a prestar atenção.

Esta parte é verdade, e quando olha para Calvin, os cantos da boca dele erguem-se um milímetro. Um ínfimo sorriso. O ex-namorado era inegavelmente bonito quando tinha 21 anos.

Atualmente, aos 35 anos, parece uma estrela de cinema. O rosto está mais cheio e definido, o cabelo despenteado num ondulado perfeito, os apontamentos grisalhos nas patilhas e as rugas em torno dos olhos apenas lhe conferem mais charme. Está sentado confortavelmente na cadeira, vestido com um fato simples e gravata, a tomar notas num bloco amarelo. O pequeno sorriso não se lhe apagou do rosto desde que Geo entrou no tribunal. Ela suspeita que é a única que o consegue ver. E que o destinatário é ela.

Quando os seus olhos se encontram, Geo sente um arrepio. Aquele maldito arrepio, mesmo agora, mesmo depois de tudo. Desde o dia em que se conheceram até ao último em que o viu, nunca deixou de o sentir. Nunca sentira nada parecido antes, nem tão-pouco depois. Nem mesmo com Andrew. Especialmente não com Andrew. O seu noivo — partindo do princípio de que ainda se podia referir a ele assim, já que o casamento, planeado para o próximo verão, não iria acontecer — nunca lhe inspirara tal sentimento.

As mãos dela permanecem sobre o colo. Brinca com o anel, sentindo-lhe o peso, a segurança que lhe transmite. Quando Andrew lho deu, era simbólico, não apenas do compromisso de se casar com ele, mas também da vida que construíra. Licenciatura na Universidade Estadual de Puget Sound. MBA pela Universidade de Washington. Aos 30 anos, vice-presidente da Shipp Pharmaceuticals, a mais jovem de sempre. O que importa se parte do seu sucesso profissional se devesse ao facto de ter ficado noiva de Andrew Shipp, o CEO e futuro herdeiro do império farmacêutico? A verdade é que ela trabalhou arduamente para chegar onde está.

Mas isso não importa. Essa vida já lá vai.

Por um lado, sabe que escapou sem consequências de maior. O seu advogado valeu cada cêntimo dos chorudos honorários inteiramente pagos por Andrew. Por outro lado, *cinco malditos anos*. Na prisão, ninguém vai querer saber se ela é instruída ou se era bem-sucedida lá fora, se até ser presa ganhava um salário de

seis dígitos (incluindo bônus) e se estava prestes a fazer parte de uma das famílias mais tradicionais e elitistas de Seattle. Quando sair — supondo que sobrevive à prisão e que não é esfaqueada no duche —, terá cadastro. Um crime grave. Jamais conseguirá voltar a ter um emprego normal. Sempre que alguém pesquisar o seu nome no *Google* surgirá o caso do Estrangulador de Sweetbay, já que a Internet não deixa que nada desapareça. Terá de recomeçar a vida do zero. Mas não a partir do fundo, mas sim mais abaixo do que o fundo, rastejando para sair do buraco em que se meteu.

Ela continua a falar de forma clara e sucinta, relatando os acontecimentos daquela noite terrível. O júri e os espectadores ouvem, absortos. Mantendo o olhar fixo num ponto aleatório ao fundo da sala do tribunal, descreve tudo. A festa depois do jogo de futebol americano na casa de Chad Fenton. O barril de ponche de fruta, tão carregado de *vodka* que nem parecia correto chamar-lhe ponche. Ela e Angela a saírem da festa mais cedo, rindo e cambaleando até casa de Calvin com os seus vestidos mínimos, completamente bêbedas. A música vibrante que saía da aparelhagem de Calvin. Angela a dançar. Angela a namoriscar. Mais bebida, o mundo a rodopiar, transformando-se num caleidoscópio de formas e cores vertiginosas, até que Geo finalmente perdeu a consciência.

Mais tarde, a viagem de carro de regresso a sua casa, Calvin a conduzir e a Angela colocada na mala do carro. A longa caminhada pela floresta, guiados apenas pela luz fraca da minúscula lanterna que Calvin trazia pendurada no porta-chaves. O ar fresco da noite. O aroma das árvores. O solo compacto. O som do choro. O vestido de Geo, sujo, coberto de lama, ervas e sangue.

— Não viu de todo Calvin James esquartejar o corpo? — insiste o procurador.

Geo estremece. Ele está a tentar colocar o foco no esquartejamento de Angela, tentando fazer com que pareça o mais horrível possível, mesmo que a sua melhor amiga já estivesse morta nesse momento, o que já era suficientemente horrível.

— Não, não vi — responde ela sem olhar para Calvin. Não o consegue encarar.

— O que é que ele usou?

— Uma serra. Do barracão do quintal.

— A serra do seu pai?

— Sim — responde ela, fechando os olhos. Ainda consegue ver o brilho do aço quando Calvin a empunha ao luar. O cabo de madeira, os dentes serrilhados. Mais tarde, ficaria coberta de sangue, pele e cabelo. — A terra era demasiado... havia demasiadas rochas. Não conseguimos cavar um buraco grande o suficiente para... para... toda ela.

A sala do tribunal agita-se. Ouvem-se murmúrios e, de seguida, um burburinho abafado. Andrew Shipp levanta-se. Olha para Geo e os seus olhos encontram-se. Ele inclina a cabeça para ela, como que se escusando, e, ato contínuo, sai da sala do tribunal, desaparecendo por trás das pesadas portas ao fundo.

É possível que nunca mais o veja. Dói mais do que ela imaginava. Faz rodar o anel furiosamente por alguns segundos, mas acaba por decidir guardar a dor para outra altura.

Walter Shaw, agora com um lugar vazio a seu lado, não se mexe. O pai de Geo não é conhecido por ser dado a emoções, pelo que a única pista sobre o que realmente possa estar a sentir é a lágrima solitária que lhe escorre pelo rosto. Também ele nunca ouvira aquela história, e ela não lhe levaria a mal se ele seguisse Andrew porta fora. Mas o pai não vai embora. Graças a Deus.

— Quanto tempo demorou? A esquitejá-la? — pergunta o procurador.

— Um bocado — responde Geo, em voz baixa.

Um soluço ecoa no centro da sala. Os ombros de Candace Wong Platten tremem, e o ex-marido coloca um braço à volta dele, embora seja evidente que também ele está prestes a perder o controlo. Os respetivos cônjuges permanecem sentados, em silêncio,

horrorizados, sem saber como reagir ou o que fazer. Não é a filha deles, não é a perda deles, mas sentem-na da mesma forma.

— Pareceu-me muito tempo — continua.

Todos os olhos estão postos nela. Os olhos de Calvin estão postos nela. Lentamente, Geo desvia o olhar até que os seus olhos finalmente encontram os dele. Pela primeira vez desde que chegou ao tribunal, mantém o contacto visual. Quase impercetivelmente, num pequeno movimento que só ela consegue perceber, porque está atenta a isso, ele anui. Ela desvia o olhar e volta a concentrar a sua atenção no promotor, que faz uma pausa para beber água.

— E depois deixou-a lá — conclui o procurador-adjunto, dirigindo-se novamente ao banco das testemunhas. — E depois continuou com a sua vida como se nada tivesse acontecido. Mentiu à polícia. Mentiu aos pais da vítima. Deixou-os sofrer durante catorze anos, sem saberem o que tinha acontecido à única filha.

O procurador cala-se. Faz questão de olhar diretamente para Geo, depois para Calvin e, por fim, para os jurados. Quando volta a falar, a sua voz está alguns decibéis acima de um sussurro, obrigando todos os presentes a esforçarem-se para o ouvir.

— Deixou a sua melhor amiga enterrada na floresta, a uns meros cem metros da casa onde morava, depois de o seu namorado a ter cortado em pedaços.

— Sim — diz ela, fechando os olhos novamente. Sabe como aquilo soa horrivelmente, porque sabe como foi horrível. Mas as lágrimas não caem. Já as esgotou.

Alguém na sala chora baixinho. Na verdade, parece mais um queixume. O peito da mãe de Angela sobe e desce, o rosto escondido nas mãos, o verniz vermelho das unhas lascado, visível mesmo do lugar onde Geo está sentada. Ao lado dela, Victor Wong não chora; mas, ao enfiar a mão no bolso do fato para tirar um lenço e entregá-lo à ex-mulher, as mãos tremem-lhe violentamente.

O procurador não tem mais perguntas. O juiz anuncia um intervalo para almoço. Os jurados saem e os presentes na sala

de audiências levantam-se e esticam-se. Fazem-se telefonemas. Os repórteres escrevem freneticamente nos seus computadores portáteis. O oficial de justiça ajuda Geo a sair do banco das testemunhas e ela passa lentamente pela mesa da defesa, onde Calvin está sentado. Ele levanta-se e agarra-lhe a mão quando ela passa, parando-a momentaneamente.

— É bom ver-te — diz ele. — Apesar das circunstâncias.

Os seus rostos estão a centímetros de distância. Os olhos dele são exatamente como ela se lembra, de um verde vívido, com o mesmo aro dourado em torno das pupilas. Por vezes, ela vê aqueles olhos nos seus sonhos, ouve a voz dele, sente as suas mãos no seu corpo, tendo já por muitas vezes acordado coberta de suor. Mas agora ele está ali, mais real do que nunca.

Ela não diz nada, porque não há nada a dizer, com toda aquela gente à volta a observá-los, a ouvir. Retira a mão. O oficial de justiça fá-la caminhar com um ligeiro empurrão.

Ela sente o pedaço de papel que Calvin lhe deixou na mão e fecha-a em volta dele antes de o guardar no bolso do vestido. Detém-se para se despedir do pai, tirando o anel de noivado para lho dar, a única joia que usa agora. Walter Shaw abraça-a com força. Depois solta-a, virando-se para que ela não veja o seu rosto contorcer-se de dor.

O julgamento não acabou, mas a participação de Geo sim. A próxima vez que vir o pai será quando ele a visitar na prisão. O oficial de justiça acompanha-a de volta à cela. Ela senta-se no banco mais afastado e, quando deixa de ouvir os passos do oficial a afastar-se, enfia a mão no bolso.

É um pedaço de papel amarelo rasgado, retirado de um bloco de notas. Nele, Calvin escreveu uma nota na sua caligrafia miúda e cuidada.

De nada.

Ao lado das duas palavras, desenhou um pequeno coração. Ela amassa o papel até ficar do tamanho de uma pequena

bola e engole-o. Porque a única maneira de se livrar daquilo é consumindo-o.

Geo fica sentada na cela, sozinha, absorta nos seus pensamentos. O passado, o presente e o futuro confundem-se, as vozes interiores misturando-se com as vozes reais dos polícias no corredor. Ela ouve-os a discutir o episódio da noite anterior de *Anatomia de Grey* e pergunta-se se exibirão a série na prisão. Não faz ideia de quanto tempo passou até que uma sombra aparece do outro lado das grades.

Ao erguer os olhos, vê o inspetor Kaiser Brody à sua frente, com um saco de papel de uma hamburgueria local e um batido nas mãos. Morango. O saco está cheio de manchas de gordura e ela começa imediatamente a salivar. Não come nada desde o pequeno-almoço, apenas uma pequena tigela de papas de aveia frias servida numa bandeja de metal imunda, naquela mesma cela.

— Se isso não for para mim, é muita crueldade tua — diz ela. Kaiser levanta o saco.

— É para ti. E dou-to... se me disseres o que é que o Calvin James te deu no tribunal.

Geo olha fixamente para o saco.

— Não sei do que falas.

— Ele pegou-te na mão e deu-te alguma coisa.

Ela abana a cabeça. Sente o aroma da carne de vaca grelhada. Cebola frita. Batatas fritas. O estômago emite um sonoro ronco.

— Ele não me deu nada, Kai, juro. Agarrou-me a mão, disse que estava contente por me ver, eu tirei a mão e não lhe disse nada. Foi só isso.

O inspetor não acredita nela. Faz sinal ao guarda, o qual destranca a porta de metal. Inspecciona-lhe as mãos e, de seguida, o chão. Faz-lhe sinal para se levantar e ela obedece. Revista-a, verificando os bolsos. Resignado, entrega-lhe o saco. Ela rasga-o de imediato.

— Calma — diz ele, sentando-se ao lado dela no banco metálico gelado. — Há dois hambúrgueres aí. Um é para mim.

Geo já desembulhou o dela. Dá uma grande dentada e a gordura da carne moída escorre para o vestido de marca. Ela ignora o facto.

— Isto é permitido?

— O quê? O hambúrguer? — Kaiser tira a parte de cima do pão do hambúrguer e põe batatas fritas em cima do hambúrguer. Coloca de volta a metade do pão e dá-lhe também uma grande dentada. — Assinaste o acordo judicial, ninguém quer saber se falo contigo.

— Não acredito que ainda faças isso — diz ela, olhando para o hambúrguer dele com uma expressão gozona de repulsa. — Batatas fritas dentro do hambúrguer. Isso é tão adolescente.

— Nalgumas coisas, mudei — diz ele. — Noutras não. Aposto que podes dizer o mesmo.

— Então conta lá: o que estás aqui a fazer? — pergunta ela minutos depois, já com metade do hambúrguer comido e o estômago apaziguado.

— Não sei. Acho que só queria que soubesses que não te odeio.

— Terias todos os motivos para o fazer.

— Já não — diz Kaiser, e suspira. — Finalmente consegui encerrar esse capítulo. Agora posso seguir em frente. Aconselho-te a fazer o mesmo. Guardaste esse segredo durante demasiado tempo. Catorze anos... Nem consigo imaginar como terá sido para ti. É um castigo por si só.

— Não me parece que os pais da Angela concordem contigo. — Mas está contente que ele tenha dito aquilo. Faz com que se sinta menos monstruosa. Um pouco menos.

— Mas é por isso que vais para a prisão. Para cumprires a tua pena e depois saíres e recomeçares a tua vida. Vais sobreviver a isto. Sempre foste forte — diz Kaiser, pousando o hambúrguer. — Sabes, é engraçado: quando descobri o que tinhas feito, senti

vontade de te matar. Pelo que fizeste à Angela. Pelo que fizeste toda a gente passar. Pelo que *me* fizeste passar. Mas quando voltei a ver-te...

— Sim?

— Lembrei-me dos velhos tempos. Éramos todos bons amigos, caramba. Isso não é algo que se se possa apagar assim tão facilmente.

— Eu sei. — Geo olha para ele. Por baixo da aparência de polícia durão, vê bondade. Na sua essência, Kaiser sempre foi uma pessoa bondosa. — Na altura, foram tantas as vezes em que te quis contar o que tinha acontecido, o que tinha feito. Tu terias sabido o que fazer. Sempre foste a minha...

— A tua quê?

— Bússola moral — diz ela. — Fiz muitas asneiras na vida, Kai. Afastar-te foi uma delas.

— Tinhas 16 anos — lembra Kaiser, soltando outro longo suspiro. — Eras apenas uma criança. Tal como eu. Tal como a Angela.

— Mas com idade suficiente para distinguir o certo do errado.

— Olhando para trás, muitas coisas fazem sentido agora. O teu comportamento depois daquela noite. A forma como te afastaste de mim. Teres deixado de ir à escola durante o resto do ano. O Calvin realmente fez-te muito mal. E não me apercebi de quanto — diz Kaiser, tocando-lhe o rosto. — Mas hoje disseste a verdade. Acabou. Finalmente.

— Finalmente — repete ela, dando uma grande dentada no hambúrguer, apesar de já não ter fome.

É mais fácil mentir de boca cheia.

2

Existem três tipos de moeda na prisão: droga, sexo e informação. Embora a última tenda a ser a mais valiosa, drogas e sexo oral são sempre as mais fiáveis. E, já que Geo não usa drogas, terá de se contentar com dinheiro. Há coisas de que precisa para sobreviver na prisão, que irá adquirir assim que puder, assim que lhe for atribuída uma unidade e um trabalho.

Todas as reclusas, novas ou regressadas ao Estabelecimento Prisional de Hazelwood — ou Hellwood, como é por vezes chamado —, passam as duas primeiras semanas na ala de acolhimento enquanto a sua avaliação é concluída. É realizada uma série de testes psicológicos, juntamente com algumas entrevistas e uma verificação minuciosa dos antecedentes, a fim de determinar onde a reclusa irá dormir e trabalhar. Geo espera ficar na ala de segurança média e trabalhar no salão de cabeleireiro; mas, sendo realista, o que pode efetivamente esperar, de acordo com a sua primeira reunião com a conselheira prisional, é ficar na ala de segurança máxima durante os primeiros três anos e trabalhar nos serviços de limpeza.

— Não é mau — diz a conselheira, tentando tranquilizá-la. A placa com o nome na secretária diz P. MARTIN. — Há mais guardas na ala máxima. A ala de segurança mínima tem privilégios, mas a ala máxima oferece proteção.

Para Geo, soa-lhe a tanga, mas como nunca esteve na prisão, não está em posição de opinar. Já passaram três horas desde que chegou a Hazelwood e a conselheira é a primeira pessoa com quem falou que não está de uniforme. P. Martin — Pamela? Patricia? Não há nenhuma indicação do primeiro nome da mulher em

lugar algum da sala. Parece genuinamente preocupada com o bem-estar das detidas. Geo pergunta-se qual será a razão para a mulher trabalhar ali. Não pode ser o dinheiro. O fato de conselheira é barato; o tecido do casaco está a dar de si nas axilas e as costuras estão a desfiar.

— Quem é o seu sistema de apoio? — pergunta a conselheira. Perante o silêncio de Geo, reformula a pergunta. — Quem virá visitá-la? Quem gostaria de ver quando sair? Porque esse dia chegará e deve pensar nessas pessoas todos os dias enquanto estiver aqui. Isso irá mantê-la focada.

— O meu pai — diz Geo. Nunca tivera muitos amigos e, após o julgamento, era razoável dizer que não tinha nenhum. — Eu ia casar, mas... isso já não vai acontecer.

— E a sua mãe?

— Morreu. Quando eu tinha 5 anos.

— Uma última pergunta — diz Martin. — Com que raça se identifica? Parece caucasiana, mas o seu formulário diz «outra».

— «Outra» está correto — diz Geo. — A minha mãe era de ascendência filipina e o meu pai tem uma costela jamaicana. Sou de ascendência mista.

A conselheira clica na caneta, acena com a cabeça e anota algo no ficheiro.

— Aqui, sessenta e cinco por cento da população prisional é caucasiana, e como você parece branca, irá integrar-se bem. Mas se tem ascendência negra, pode fazer amizade com pessoas negras. Isso é bom.

— Também tenho um quarto de ascendência asiática.

— Menos de um por cento da população prisional é originária das ilhas do Pacífico. Isso não a vai ajudar. — A conselheira olha para ela atentamente. — E então, como se sente? Deprimida? Ansiosa? Tem pensamentos suicidas?

— Se eu disser que sim, posso ir para casa?

A conselheira riu-se.

— Ótimo. Sentido de humor. Continue assim. — Fecha a pasta com um estalido. — Muito bem, jovem. Por agora, é tudo. Falamos daqui a uma semana. Se precisar de mim antes disso, peça a uma das guardas.

As duas primeiras semanas passam sem incidentes, embora todas as novas reclusas estejam sob vigilância por risco de suicídio, uma vez que a prisão é um lugar extremamente deprimente. Geo adota uma postura discreta e fala apenas quando lhe dirigem a palavra, passando a maior parte do tempo sozinha. Na manhã do dia em que será integrada na população geral, acorda bem antes do toque de alvorada.

Parece-lhe quase impossível acreditar que há pouco mais de seis meses fora pela *Pacific Northwest*, que traçava o perfil da Shipp Pharmaceuticals na sua publicação anual «As 100 melhores empresas para se trabalhar». Aos 30 anos, Geo era a executiva mais jovem de sempre da Shipp por uma década de diferença, e o artigo tinha o título «Conduzindo a Shipp numa nova direção: o rosto jovem de uma das empresas mais antigas da América». A fotografia usada mostrava Geo sentada à cabeceira da longa mesa da sala de reuniões envidraçada do trigésimo quarto andar, com as pernas cruzadas, a bainha da saia bem acima do joelho, as solas vermelhas dos seus sapatos de salto alto visíveis, sorrindo para a câmara. O tema do artigo era a diversidade no local de trabalho, embora, ironicamente, não houvesse qualquer menção à sua ascendência mestiça. O artigo focava-se exclusivamente na sua juventude e género — ambos suficientes para a tornar uma figura de destaque no tradicional clube de homens brancos da indústria farmacêutica — e nos seus planos para expandir o departamento de estilo de vida e beleza da empresa.

Ela suspeitava que a maioria dos executivos da Shipp detestava aquela fotografia e o facto de a terem escolhido para os representar, embora nunca lho tivessem dito na cara.

No dia da sua detenção, Geo estava a falar naquela sala de reuniões. As portas abriram-se e um homem alto, de calças de ganga escuras e um casaco de couro surrado, entrou acompanhado por três agentes da polícia de Seattle. No seu encalço vinha uma assistente administrativa, gesticulando nervosamente com as mãos em forma de desculpa enquanto tentava acompanhá-los. As doze cabeças sentadas em redor da grande mesa viraram-se ao ouvir a agitação.

— Peço desculpa, mas não me deixaram bater à porta primeiro — disse a ofegante assistente administrativa, uma jovem chamada Penny que só estava na empresa há um mês.

O homem de casaco de couro olhou fixamente para Geo. Ele parecia-lhe extremamente familiar, e a sua mente começou a trabalhar a toda a velocidade para o identificar. Tinha um distintivo de inspetor preso no bolso do peito e o volume da arma no coldre, perto da bainha do casaco, era perfeitamente conspícuo. Era alto e estava em forma, muito diferente de como era no secundário, vinte quilos mais magro e quinze centímetros mais baixo...

Kaiser Brody. Caramba!

Foi então que Geo percebeu o que estava a acontecer, e o seu coração parou. Os joelhos fraquejaram e a sala começou a girar, obrigando-a a apoiar-se na mesa. A sala de reuniões do conselho de administração, fresca e arejada apenas alguns segundos antes, ficou subitamente quente. O inspetor apercebeu-se da reação e sorriu.

— Georgina Shaw? — perguntou ele, sabendo muito bem com quem falava. Seguido pelos agentes de uniforme, dirigiu-se a ela, contornando a longa mesa oval e passando pelos rostos chocados dos executivos. — Está presa.

Geo não protestou, não disse uma palavra, não emitiu qualquer som. Simplesmente, fechou o portátil e a apresentação exibida no grande ecrã atrás dela desapareceu. O inspetor pegou nas algemas, agitando-as.

— É o protocolo — disse ele. — Eu pediria desculpas, mas sabe que não seriam sinceras.

Os outros executivos pareciam não saber o que fazer e assistiram, atordoados e em silêncio, enquanto o inspetor lhe puxava os braços para trás das costas, colocava as algemas e começava a levá-la para fora da sala. A confusão que sentiam era compreensível. A Georgina Shaw que conheciam não era o tipo de mulher que seria presa por qualquer motivo. Afinal de contas, era o novo rosto da Shipp. Vice-presidente da empresa. E era a noiva de Andrew Shipp, o que tornava tudo aquilo completamente bizarro.

A voz do CEO ressoou, alta e clara, e todos se viraram. Andrew Shipp não participava da reunião, mas o seu escritório ficava no final do corredor, e claramente alguém lhe tinha contado o que estava a acontecer. Estava parado à porta da sala de reuniões, a impedir a passagem.

— O que raio pensam que estão a fazer? — Andrew tentou alcançá-la, mas um agente mais jovem bloqueou-lhe o caminho. O rosto do CEO corou, sem dúvida porque jamais alguém se atrevera a impedi-lo de fazer alguma coisa. — Isto é um *absurdo*. Quais são as acusações? Tirem-lhe as algemas imediatamente. Isto é *ridículo*.

Geo tentou sorrir-lhe, assegurando-o de que estava tudo bem, mas Andrew nem sequer olhou para ela. Encarava furiosamente para os polícias, cada centímetro do seu corpo irradiando aquela mistura especial de indignação e arrogância que só quem nasceu em berço de ouro consegue sentir.

Mas os agentes não se importavam. Tal como não se importavam com o facto de a mulher algemada ter um gabinete de luxo dois andares abaixo, ou da sua festa de casamento ir ter lugar no clube de golfe pretensioso a que a família do noivo pertencia, ou de ela achar uma loucura cobrarem quatrocentos dólares por um jantar que consistia basicamente em bife e batatas fritas. Também não se importavam que ela tivesse escolhido peónias cor-de-rosa

para o seu *bouquet* ou que o vestido de noiva viesse expressamente de Nova Iorque. Estavam-se completamente a marimbar para isso. E bem. Porque já nada disso tinha importância. E provavelmente nunca teve.

O inspetor acompanhou-a até fora da sala de reuniões, com a mão ao fundo das costas dela, sem empurrar, mas guiando-a com firmeza. Kaiser Brody não cheirava como antigamente. O rapaz que conhecera naquela época nunca usava perfume, mas agora sentia nele um aroma doce e almiscarado, que reconheceu imediatamente como *Yves Saint Laurent*. Sempre teve um ótimo olfato. Chegara a comprar o mesmo perfume para Andrew, mas ele nunca o usou, alegando que lhe provocava dor de cabeça. Eram muitas as coisas que provocavam dor de cabeça a Andrew.

As algemas tilintavam-lhe nos pulsos. Estavam soltas o suficiente para que, com um pouco de habilidade, provavelmente se conseguisse livrar delas. Kaiser algemara-a apenas para causar efeito, para marcar uma posição. Armar uma cena. Humilhá-la.

Andrew recuava, numa tentativa de lhes impedir a passagem, mas Kaiser exibiu-lhe um mandado de prisão.

— Inspetor Kaiser Brody, Polícia de Seattle. A acusação é de homicídio, senhor.

Andrew arrancou-lhe o mandado das mãos e leu-o de olhos esbugalhados. Apesar do fato de dois mil dólares, não era propriamente bonito, com o seu corpo frágil, rosto redondo e cabelo ralo. A força de Andrew vinha de outro lado. No entanto, por mais que ser rico e ter bons contactos pudesse ajudar em muitas coisas, naquela situação de nada valia.

— Não digas nada — disse ele a Geo. — Nem uma palavra. Vou ligar ao Fred. Vamos resolver isto.

Fred Argent era o diretor jurídico da Shipp e o responsável pela estratégia corporativa, contratos e contencioso. Não era, de forma alguma, um criminalista, e era disso que Geo precisava. Mas não havia tempo para essa discussão. O inspetor conduziu-a para

fora da sala de reuniões enquanto o resto dos executivos continuava paralisado, de boca aberta.

Andrew acompanhou-os até ao elevador, que ficava no fim do corredor, ao virar da esquina. A notícia da prisão de Geo pareceu espalhar-se mais rapidamente do que eles andavam. Ela passou pela secretária da sua assistente, Carrie Ann, e disse-lhe:

— Liga ao meu pai. Não quero que ele saiba disto pela televisão. — A jovem acenou com a cabeça, de olhos arregalados, a pequena mancha de café derramado ainda visível na saia, mesmo depois da tentativa vigorosa de a remover naquela manhã. Há pouco menos de uma hora, tinham discutido a melhor forma de tirar a mancha, procurando no escritório uma daquelas canetas *Tide*, enquanto Geo falava sobre o novo restaurante a que ela e Andrew tinham ido na noite anterior.

Essa vida tinha agora acabado. Tudo pelo que lutara, tudo o que conquistara, a vida que edificara sobre o segredo que tentara esconder... tudo se evaporava diante dos seus olhos.

— Vai ficar tudo bem — disse Andrew no elevador. — Não digas nada, estás a ouvir? *Nada*. O Fred vai ter contigo à esquadra. Vamos arranjar-te o melhor advogado. Não te preocupes com nada. — Lançou a Kaiser um olhar furioso. O inspetor devolveu-lhe um olhar calmo. — Esta acusação é um completo disparate, inspetor. Cometeu um erro grosseiro. O chefe Heron, seu superior, é membro do meu clube de golfe e vou ligar-lhe pessoalmente. Preparem-se para um processo judicial.

O inspetor ficou em silêncio, mas os cantos da boca voltaram a curvar-se levemente. Outro sorriso irónico. Será que tinha aquele sorriso no secundário? Geo não se lembrava.

As portas do elevador fecharam-se com Andrew a gritar para a assistente lhe trazer o telemóvel. Durante o minuto seguinte, ela e o inspetor permaneceram imóveis em frente às portas espelhadas. A música dos altifalantes ocultos tocava suavemente. Geo conseguia ouvir um dos agentes uniformizados a respirar atrás dela.

Um chiado suave, com um leve assobio no final. Provavelmente um desvio de septo. A mão de Kaiser ainda ao fundo das suas costas. Não se importava. A pressão era reconfortante.

Não havia música instrumental de fundo na Shipp; os elevadores eram sofisticados, ligados à aplicação Pandora, configurada para tocar uma seleção de músicas descontraídas de artistas atuais e do passado. Principalmente do passado. Os números no ecrã faziam a contagem regressiva silenciosamente ao som suave dos Oasis, uma banda que Geo gostava nos tempos de escola. Uma das outras agentes, uma mulher mais jovem cujo septo parecia estar bem, cantava baixinho. Geo não se juntou a ela a cantar *Wonderwall*, embora soubesse a letra toda.

TODAY IS GONNA BE THE DAY
THAT THEY'RE GONNA THROW IT BACK TO YOU¹

Os números mudavam à medida que passavam por cada andar, descendo rapidamente em direção ao piso térreo. Talvez tivesse sorte. Talvez o elevador se estatelasse no chão e explodisse... 16, 15, 14...

— Não pareces surpreendida por eu estar aqui — disse Kaiser, observando-a pelo espelho.

Geo ficou calada, porque não havia nada a dizer. Tinha imaginado aquele cenário um milhão de vezes na sua cabeça, mas nunca imaginara o amigo de infância no papel de polícia. Nem sequer sabia que Kaiser se tornara polícia, mas tinha de admitir que o distintivo lhe ficava bem. Nele, restava apenas um vestígio do rapaz que conhecera. A barba cobria-lhe o maxilar, onde antes havia acne. O rosto tornara-se mais definido. Mas os olhos continuavam os mesmos. Atormentados. Dececionados.

¹ Letra de *Wonderwall*, em tradução livre: *Hoje vai ser o dia em que vais ter o que mereces. (N. do T.)*

Ele tinha razão. Não ficou surpreendida. Há muito que esperava aquele dia, sabendo, de certa forma, que acabaria por chegar. E agora que tinha chegado, já não tinha como se esconder. Já não tinha de carregar o segredo como um bloco de cimento de duas toneladas insuportavelmente pesado. Exalando lentamente o longo suspiro que levava preso dentro de si há catorze anos, relaxou os ombros. Os músculos retesados das costas e do pescoço suavizaram-se. Sorriu levemente ao seu velho amigo e ele ergueu-lhe uma sobrancelha. Não, não estava surpreendida de todo.

Sentia-se *aliviada*.

— Shaw — diz uma voz aguda, acordando Geo do seu devaneio. Soava o toque da manhã. Olha para cima e vê uma agente penitenciária à porta da sua cela, vestida com um uniforme azul-escuro, o cabelo preso num puxo apertado. A agente é baixa, mas robusta e musculosa, e Geo não tem dúvidas de que poderia derrubar alguém com o dobro do seu tamanho. — A sua avaliação está concluída. Vamos transferi-la. Venha comigo.

— Onde é que me vão pôr?

— Segurança máxima — diz a agente, e o coração de Geo aperta-se. — Mas vai ficar na sala grande, porque a sua unidade está em obras.

A «sala grande» é um alojamento temporário. Ela ouvira uma reclusa a queixar-se de como estava lotada a uma agente no outro dia e reluta.

— A sala grande? Então não posso ficar aqui no acolhimento até...

A gargalhada da agente prisional interrompe-a.

— Acha que isto é um hotel? Que se não gosta do seu alojamento pode reclamar e conseguir uma *suite*? Mexa-se, Shaw, antes que eu a obrigue.

Geo reúne os poucos pertences que possui. De momento, consistem numa pequena caixa de plástico cheia de produtos

de higiene pessoal baratos e uma camisola com as letras DOC impressas nas costas.

— Mas vai ficar a trabalhar no salão de cabeleireiro — diz-lhe a agente prisional. — Deve estar satisfeita com isso. A maioria das novatas começa na cozinha, mas agora estão a precisar de alguém que saiba cortar e pintar cabelos. Trabalhava na área da estética lá fora?

— Mais ou menos — responde Geo.

— Espere lá. — A agente olha para ela atentamente enquanto caminham pelo corredor. — Eu conheço-a. Não é a miúda que esfaqueou a melhor amiga? Há um ror de tempo?

Geo não responde.

— Aquilo foi muito marado — diz a agente, e é difícil perceber se está revoltada ou impressionada. Talvez as duas coisas. — Fico surpreendida por a deixarem trabalhar com tesouras.

Também eu, pensa Geo. Também eu.

3

No início, Geo nunca esperou conseguir escapar impune. Angela Wong era demasiado popular, demasiado apaixonada pela vida, para que alguém acreditasse que tinha desaparecido por vontade própria. Mas quando passaram os primeiros dias sem que ninguém lhe batesse à porta, começou a questionar-se se seria possível que ninguém descobrisse o que tinha feito. Os dias transformaram-se em semanas. As semanas transformaram-se em meses. E então, quando Geo se deu conta, os anos tinham passado e parecia que talvez o passado ficasse mesmo enterrado. Um trocadilho de mau gosto, mas ainda assim adequado.

Quando tudo finalmente se precipitou, Geo pode não ter ficado surpreendida, mas não estava de todo preparada. Porque, na verdade, o que pode preparar alguém para a prisão? Certamente não os filmes ou a televisão, feitos para entreter e divertir. A realidade da prisão — a sua desolação, a sua mesmice, o medo constante de ser atacada — é horrível. As suas duas primeiras semanas na ala de acolhimento, com a sua cela privada com lavatório e sanita, parecem agora uma brincadeira de crianças em comparação com o pesadelo que enfrenta presentemente, também conhecido como *gen pop*².

Bem-vinda a Hellwood.

A sua conselheira, P. Martin, tinha razão ao dizer que as unidades de segurança máxima têm mais guardas. Mas mais guardas não tornam o local mais seguro, especialmente quando se dorme num espaço lotado onde toda a gente está de mau humor,

² *General population*; em português, «população geral». (N. do T.)

principalmente as guardas. Embora Hazelwood estivesse longe de estar lotada, as duas unidades em construção fizeram com que as outras três ficassem ao barrote, e o excesso de pessoas foi canalizado para uma grande sala recreativa, convertida em alojamento comunitário. O pior cenário possível, no que diz respeito à vida na prisão.

Não há qualquer expectativa de privacidade. Há brigas todos os dias. Objetos pessoais são frequentemente roubados. A ameaça de violência paira no ar como uma nuvem negra. Cinquenta mulheres adultas a dormir tão próximas umas das outras não é normal. A grande sala contém vinte e cinco beliches duplos, alinhados em filas de cinco. O barulho constante faz com que a sala pareça mais pequena do que realmente é, e o aroma persistente a suor e flatulência torna-a claustrofóbica.

A agente prisional acompanha Geo até a um beliche duplo num canto, do outro lado da sala. As mulheres observam-na enquanto passa, e ela esforça-se por manter uma expressão neutra no rosto, para que ninguém pense que é fraca ou hostil — ali dentro, as duas coisas são igualmente más. Geo está ciente de que parece um pouco diferente das outras. O seu cabelo escuro tem madeixas sofisticadas. Tem dentes perfeitos. Não tem tatuagens no rosto — nem qualquer outra, aliás. Não faz parte de nenhum gangue lá fora, nem esteve envolvida com drogas. E, ao contrário da maioria das suas colegas presidiárias, é a primeira vez que está presa. Pode estar vestida com o mesmo uniforme cinzento da prisão que todas as outras, mas não é nada parecida com elas, e isso é por demais evidente.

Ela é virgem no mundo prisional. E as outras conseguem cheirá-lo nela.

— É aqui — diz a guarda secamente, parando diante do beliche.

Há uma camisola no colchão de cima e duas revistas rasgadas na cama de baixo. Geo não tem a certeza de qual dos beliches está desocupado.

— Fico em cima ou em baixo? — pergunta Geo.

A guarda encolhe os ombros e vira-se para sair.

— Não sei. Pergunta à tua companheira de beliche.

Uma mulher branca grande, de idade indefinida — entre 30 e 50 anos, arriscaria Geo —, aproxima-se com um andar bamboleante. A reclusa deve pesar bem mais de cento e trinta quilos, e Geo sente o cheiro acre do seu odor corporal à medida que ela se aproxima. Um puxo mal feito de cabelo seco e loiro descolorido está amontoado no topo da cabeça, revelando três dedos de raízes castanhas-escuras. Em vez de pescoço, tem uma papada informe. As sobrancelhas estão pintadas com linhas finas pretas iguais e franzem-se quando vê Geo. Tem letras tatuadas em cada um dos dedos grossos. A mão direita diz *fun*s. A mão esquerda diz *over*.

Acabou-se a brincadeira. De facto.

A mulher senta-se no colchão de baixo. Entre os beliches há um pequeno baú metálico com meia dúzia de fotografias coladas na porta, mostrando a mulher quando era mais jovem e um pouco mais magra. Numa delas, um homem negro magro está ao lado dela e, ao lado dele, um menino. O menino é magro como o pai, mas o rosto redondo é uma boa combinação dos dois, com grandes olhos castanhos, pele morena suave e um sorriso largo com dentes sobredimensionados. Parecem todos felizes na fotografia.

A sua companheira de beliche, por mais intimidante que pareça, é mãe. Tudo bem, então. Não pode ser assim tão mau.

— Sou a Bernadette — diz a reclusa. A voz é grave, com um ligeiro sotaque, provavelmente da Europa de Leste. Polaco, talvez. Ou checo. Deslizando a mão por baixo do colchão, tira um saco de barras de alcaçuz. Não as oferece a Geo, mas esboça-lhe algo parecido com um sorriso. — Toda a gente me chama Bernie.

— Georgina — diz ela, retribuindo o sorriso. — Toda a gente me chama Geo.

— Bem-vinda. — Bernie olha para ela e Geo consegue ver anéis de sujidade no pescoço dela, antes escondidos nas dobras da pele. — Já que vamos ser companheiras de beliche, ficas já a saber que tenho três regras.

— Está bem. — Geo continua de pé, com os pertences nas mãos, fundamentalmente porque não sabe onde os colocar. Como a mulher está sentada no beliche de baixo, presume que o beliche de cima seja para ela, mas a camisola da mulher ainda está em cima do colchão. Não se atreve a tirá-la de lá.

— Primeiro: não comas a minha comida. Nunca. — A reclusa corpulenta dá mais uma dentada na sua barra de alçaçuz, mastigando com a boca parcialmente aberta. — Se vires comida na minha cama, isso não é um convite para comer. Nem me peças.

— Entendido.

— Segundo: eu ressono. Alto. Se te queixares de mim às guardas, como a última rapariga fez, dou-te uma sova, como lhe dei a ela. Se o meu ressonar te incomoda, compra tampões para os ouvidos nos serviços de cantina da prisão.

— Tudo bem. — Geo não consegue deixar de pensar que o que mais a incomodará será o cheiro da mulher.

— Terceiro: eu gosto do beliche de cima. Tu dormes no de baixo.

— A sério? — Geo fica surpreendida. Pensava que os beliches de baixo eram os mais procurados e, além disso, não consegue imaginar a mulher e todo o seu peso a subir para o beliche de cima sempre que precisa de se deitar.

— Sim, o ar é mais fresco lá em cima. Estas cabras estão sempre a peidar-se e a arrotar, e à noite isto empesta como uma casa de banho. Tenho um nariz sensível — diz Bernie, com os olhos pequenos e maliciosos a desafiar Geo a discordar dela. — Tens algum problema com o beliche de baixo?

— De forma alguma — diz Geo, interrogando-se se já alguém morrera devido ao colapso de um beliche superior. Morrer com o peito esmagado enquanto se dorme deve ser uma forma horrível de se deixar este mundo.

Como que a ler-lhe os pensamentos, Bernie diz:

— Não te preocupes. A cama não se vai partir. Se era nisso que estavas a pensar.

Geo abana rapidamente a cabeça.

— Não estou preocupada.

— É a tua primeira vez em Hellwood? — A companheira de beliche pega noutra barra de alcaçuz e enfia metade na boca. Os dentes ficam vermelhos devido ao corante alimentar. É muito semelhante a sangue.

— Sim — responde Geo, achando que é melhor ser honesta.

— Tens alguma dica para mim?

A mulher encolhe os ombros.

— Não é tão mau quanto as pessoas pensam. Habitua-te. Estas condições agora são uma porcaria — diz ela, descrevendo um gesto amplo com o grande braço em direção à sala —, mas tudo vai melhorar assim que tivermos as nossas celas de volta. Já estive em várias prisões. Esta não é a melhor, mas também não é a pior.

Geo assente com a cabeça. Não pergunta o que a mulher fez para ali estar. Ouviu dizer que não é educado perguntar. Também não seria educado pedir à mulher para se afastar para que pudesse sentar-se na cama que já haviam combinado ser dela. Em vez disso, aponta para as fotografias na porta do baú.

— É a tua família?

— Sim — diz Bernie, enfim sorrindo. — Guardo estas fotografias para me lembrar o que me espera quando voltar para casa. — Finalmente levanta-se, deixando para trás uma marca no colchão com o formato do rabo e das coxas.

Os lençóis já tresandam com o cheiro da mulher, mas Geo obriga-se a retribuir o sorriso quando por fim pousa as suas coisas

na cama. A estrutura metálica geme quando Bernie sobe lentamente para o beliche de cima e se deita.

— Tens um homem à tua espera lá fora?

— Não tenho bem a certeza. — É a resposta mais sincera que pode dar. — Olha, deixam-nos usar os telefones?

— Sim, a qualquer hora até 30 minutos antes de apagarem as luzes — diz Bernie. — Estão ao fim do corredor, perto das casas de banho. Mas fala com os guardas antes de tentares lá ir. Eles têm de te deixar sair.

As mulheres cochicham entre si enquanto Geo se dirige para a guarita da guarda, mas ninguém fala com ela. Questiona-se se estão curiosas porque a viram na televisão ou porque é nova ali. Provavelmente ambas as coisas.

Há uma longa fila para os telefones, e o guarda de serviço informa-a que só pode falar quinze minutos de cada vez. Depois disso, tem de desligar e voltar para a fila. Geo fica em pé durante o que parece ser uma hora até que um telefone fica livre e depois respira fundo e liga para o telemóvel de Andrew. O telefone toca cinco vezes e depois vai para o correio de voz. Pensando que talvez não queira atender porque não reconhece o número, tenta ligar para o escritório. A assistente dele atende, o que significa que teve de pressionar 1 para aceitar os custos da chamada.

— Olá, Bonnie — diz Geo. — O Andrew está?

— Menina Shaw — diz a assistente, parecendo agitada. Geo percebe imediatamente que tudo mudou. Sempre foi amigável com Bonnie e, desde que começou a namorar com Andrew, a mulher nunca se lhe dirigiu de outra forma que não pelo seu nome próprio. — Lamento, mas o Sr. Shipp não quer falar consigo.

Geo fecha os olhos. *Menina Shaw. Sr. Shipp.* Volta a abrir os olhos.

— Ele disse-lhe para dizer isso?

— Sim, senhora, disse. Só estou autorizada a falar consigo desta vez.

Geo solta um longo suspiro, tentando organizar os pensamentos. Quando volta a falar, o tom é tenso.

— O que é que ele quer que eu faça com o anel? — O anel de noivado está agora numa caixa na casa do pai, juntamente com todos os outros pertences pessoais, já que a casa dela está à venda. — Ele quer que lho envie ou prefere vir buscá-lo?

— Ele diz que deve enviá-lo aqui para o escritório. — Há uma pausa na voz da assistente e Geo percebe que a conversa deve ser igualmente constrangedora para ela.

— Bonnie...

— Geo, não posso falar consigo. — A voz de Bonnie soa abafada. — Desculpe. Lamento imenso. A empresa está a enlouquecer. O telefone não pára de tocar; todos querem saber se o Andrew tem algo a dizer sobre o facto de a ex-noiva e vice-presidente da empresa ser uma homicida condenada e namorada de um assassino em série.

— Mas eu não fui condenada por...

— O que importa é o que todos *pensam* — corta Bonnie. A sua voz mal passa de um sussurro. — E sabe bem como as coisas funcionam aqui, Geo. Estão todos preocupados com a reputação da empresa. Tivemos de emitir um comunicado à imprensa.

— O que dizia? — Quando a mulher não responde imediatamente, Geo insiste: — Bonnie. Por favor. Diga-me.

— Diz que não a apoiamos nem defendemos de forma alguma, e que estamos solidários com a família da vítima. Foi o...

— Bonnie faz uma pausa. — Foi o próprio Andrew que o escreveu. Lamento.

— Ele pagou os custos legais de todo o meu processo. — A voz de Geo, mesmo aos seus próprios ouvidos, soa pouco convicta.

— Eu sei. O pai criticou-o muito por causa disso, mas na altura vocês ainda estavam noivos. — Geo, desculpe, mas tenho de

desligar agora. — Bonnie parece genuinamente perturbada. — Por favor... por favor, não volte a ligar para cá.

A linha fica muda.

E é tudo. Sem despedidas, sem explicações ou desculpas. Andrew tinha terminado tudo, escolhendo a opção mais covarde e delegando na assistente a tarefa de desferir o golpe. Um relacionamento de dois anos terminado, assim, sem mais nem menos. Pousa o auscultador no gancho e afasta-se para dar lugar à próxima reclusa, mas não é suficientemente rápida e os ombros delas tocam-se.

Os olhos da mulher semicerram-se. Era mais baixa do que Geo, mas não se via medo no seu rosto.

— Vê lá se tens cuidado, cabra.

— Desculpa — respondeu Geo, conseguindo soar razoavelmente sincera, apesar de ter sido a outra a ir contra ela. A última coisa de que precisava era de uma briga, mas se a mulher a começasse, não teria outra escolha senão tentar acabá-la rapidamente. Caso contrário, corre o risco de ser vista como fraca. E já viu filmes suficientes para saber que, se levar uma coça e um guarda lhe perguntar quem foi, jamais o poderá dizer. Denunciar seja o que for aos guardas é absolutamente proibido. Na prisão, a única coisa pior do que um pedófilo (o que já é bastante grave) é um chibo. E quem se chiba uma vez, é chibo para sempre. As outras reclusas jamais confiarão em ti e farão da tua vida um inferno.

Geo encontra Bernie de bom humor ao regressar. Ainda está esparramada no colchão de cima, uma montanha de mulher. O pacote de barras de alçaçuz está vazio, a embalagem de plástico pendurada na beira da cama. Vira-se de lado e, com Geo em pé, ficam praticamente ao nível dos olhos.

— O telefonema correu bem? — pergunta Bernie.

— Perguntaste-me antes se eu tinha um homem. Já posso dizer oficialmente que não tenho.

A mulher estende a mão e afasta uma madeixa de cabelo do rosto de Geo.

— Não faz mal. Aqui, não precisamos deles. Há montes de coisas que podemos fazer sem eles.

Geo afasta-se, incomodada. Resiste à vontade de estremecer, mas por dentro sente náuseas. A reclusa do beliche ao lado olha para ela com uma expressão que parece ser de comiseração e depois volta a desviar o olhar. Ou talvez Geo esteja a imaginar coisas. Talvez esteja a ser paranoica.

Nada de mau acontece naquela noite, nem na noite seguinte, apesar de Geo ficar deitada na cama horas a fio, de punhos e dentes cerrados, antecipando o pior. Todas as noites, antes de adormecer, não consegue acreditar que aquela é a sua vida. Todas as manhãs, ao acordar, não consegue acreditar que aquela é a sua vida. A depressão sobre a qual P. Martin a alertou finalmente chegou. A sensação avassaladora de que não pertence de todo àquele lugar — de que, algures ao longo do caminho, cometeu um erro gigantesco — é impossível de afastar. E o manto da negação não protege em nada. Não ajuda em nada. Sufoca-a. Torna-a vulnerável. É como se alguém lhe tivesse tirado a vida, a tivesse despedaçado e depois a tivesse reconstruído, mas toda desorganizada. Os pedaços são reconhecíveis, mas estão todos no lugar errado.

No terceiro dia na grande sala, ela percebe que a sua companheira de beliche está de muito bom humor. Jantam juntas nessa noite, sentadas frente a frente numa mesa com quatro outras mulheres. Bernie conversa animadamente com Geo e com as outras reclusas, tagarelando sobre a ótima visita que recebeu do filho naquela manhã. Sempre que ri, coloca a mão no braço de Geo. O gesto aparenta ser inofensivo.

Uma mulher com pele escura como chocolate e cabelo afro curto olha fixamente para Geo de uma mesa próxima. Não há hostilidade na sua expressão, apenas pura curiosidade. As outras

mulheres sentadas à sua mesa parecem respeitá-la e, ocasionalmente, também olham para Geo, murmurando entre si. Geo questiona-se sobre o que veem ao olhar para ela. Ela sabe que parece branca, mas também está ciente de que a sua etnia é evidente, se as pessoas a estiverem a procurar. Manifesta-se no tom caramelo da sua pele, no formato ligeiramente amendoado dos seus olhos. O seu cabelo, no entanto, é liso. É o cabelo da mãe.

Quando Geo acaba de comer, a mulher negra aproxima-se dela no local de devolução das bandejas. As outras mulheres da sua mesa ficam atrás dela, a alguns metros de distância, longe o suficiente para não ouvir a conversa, mas perto o suficiente para reagir se algo acontecer. É claramente a sua equipa de segurança.

— És negra? — pergunta a mulher. Há algo de nobre na forma como fala. A voz é aveludada, a pronúncia cuidada. De perto, o rosto é belo, sem rugas e suave, com maçãs do rosto salientes. Os olhos são quase negros.

— Um oitavo — responde Geo, sentindo a necessidade de ser específica, embora não se dê ao trabalho de explicar o resto.

— Vejo que te tornaste amiga da Bernadette — diz a mulher, olhando para Bernie, que ainda está a comer. De seguida, volta o olhar para Geo, percorrendo-lhe a pele, os olhos, o cabelo. — Chamam-lhe Mamute. — Não é necessária qualquer explicação.

— Não somos amigas. É minha companheira de beliche. A mulher assente com a cabeça.

— Depois diz-me como é que as coisas estão a correr. Se não correrem bem, talvez possamos conseguir pôr-te noutra sítio.

O bom humor de Bernie continua após o jantar, e Geo começa a perceber que o humor da companheira de beliche está diretamente ligado à hora a que comeu. Continua a falar até ao apagar das luzes, contando a Geo sobre as várias prisões em que cumpriu pena, incluindo no Oregon e na Califórnia. Drogas e roubo,

fundamentalmente, acusações típicas para a maioria das mulheres que ali se encontram. Uma criminosa de carreira. Seria de esperar que, após a terceira condenação, encontrasse outra profissão, mas não é assim que funciona a mente de uma criminosa.

As portas da sala grande permanecem sempre abertas durante o dia, a menos que haja um confinamento, mas, quando as luzes se apagam, as mulheres ficam fechadas lá dentro. Se precisar de ir à casa de banho, tem de pedir a um dos guardas dentro da guarita, que provavelmente estarão a dormir ou a ver um filme. Geo deita-se na cama e o cansaço toma conta dela instantaneamente. Não tem dormido bem desde que ali chegou e isso está a afetá-la. Por fim, felizmente, consegue adormecer.

Só acorda ao sentir os dedos grossos da sua companheira de beliche já bem dentro da vagina. Bernie está em cima dela, os refeços de carne exorbitante espalhando-se pelo corpo mais pequeno de Geo como um balão de água gigante, a pele quente, húmida e salgada, o hálito a cheirar a leite azedo. Os olhos pequenos parecem passas numa massa de pão e fixam-se nela. Bernie sorri e lambe o rosto de Geo, do queixo até à maçã do rosto. Na escuridão da grande sala, a língua parece roxa.

Beliche de baixo. Está explicado. É mais fácil violar alguém. É difícil ver o beliche delas de onde fica a guarita, do outro lado da sala. E para piorar a situação, Bernie enfiou as pontas do lençol debaixo do colchão de cima, de modo que caia sobre o beliche de Geo como uma cortina. Se um guarda prisional olhar para lá, apenas verá o lençol. Isso dará tempo suficiente para Bernie sair de cima dela e insistir que o que estão a fazer é mútuo, caso a guarda rasgue o lençol. A punição por sexo consensual entre reclusas é uma estada na ala de segurança máxima.

E já estão na ala de segurança máxima.

Geo abre a boca para gritar, mas Bernie está preparada para isso e a mulher corpulenta enfia-lhe uma meia na boca. No entanto, nem era necessário, porque já tem os pulmões esmagados.

A Mamute, com bem mais do dobro do peso e três vezes a sua largura, está a sufocá-la. Em pânico, começa a contorcer-se e a dar pontapés o melhor que pode, mas a companheira de beliche apenas pressiona com mais força, o seu hálito quente e azedo junto aos ouvidos de Geo enquanto se acarícia.

— Gostas? É bom, não é? Molha-te para mim, querida.

Mal conseguindo mexer-se, Geo tenta agarrar o lençol com a mão, mas não consegue segurá-lo com força suficiente para o arrancar. Consegue apenas afastá-lo um pouco, o suficiente para ver a reclusa do beliche ao lado a olhar para ela. Após um ou dois segundos, a reclusa desvia o olhar.

De alguma forma, numa sala cheia de mulheres, Geo está sozinha com a sua agressora.

Incapaz de reagir, não tem outra escolha senão ficar imóvel. Lágrimas rolam silenciosamente pelo seu rosto. Um minuto depois, Bernie grunhe e rola para o lado, permitindo que Geo respire fundo várias vezes.

— Ninguém consegue ver nada neste canto, cabra — sussurra a companheira de beliche, ajeitando as roupas. — O nosso beliche não aparece nas câmaras. Então, tudo o que tens de fazer é ficar de boca fechada, e assim não terei de te matar. Mas gostaste, não foi? Eu sei que sim.

Geo solta um soluço alto, interrompido quando a Mamute lhe dá um soco no rosto. De seguida, tira o lençol e sobe para a sua cama. Geo coloca a almofada sobre a boca para poder chorar sem ser ouvida.

Não compreende nada daquilo. A Bernie é *mãe*. A fotografia do filho está colada no maldito baú a menos de meio metro de distância. Geo fica deitada na cama o resto da noite, a cheirar ao suor azedo da mulher, com as pernas apertadas, aterrorizada com a possibilidade de a Mamute voltar para a sua cama. Acalma-se com os roncos altos que vêm de cima; isso significa que a companheira de beliche está a dormir profundamente.

Geo, no entanto, não dorme. Assim como não dormiu da última vez que foi violada, tantos anos atrás. Sabe por experiência própria que leva bastante tempo até que a alma volte.

E que leva ainda mais tempo até que a alma pare de sangrar.

ESTA É A HISTÓRIA DE TRÊS MELHORES AMIGOS.
UMA FOI ASSASSINADA, OUTRA ACABOU NA PRISÃO,
OUTRO NUNCA DESISTIU DE DESCOBRIR A VERDADE.

Há catorze anos, Angela Wong, com apenas 16 anos, desapareceu sem deixar rasto. O caso ficou por resolver e ninguém suspeitou de Georgina Shaw — Geo —, a sua melhor amiga, nem de Kaiser Brody, hoje inspetor da polícia, que fazia parte do mesmo círculo.

Quando os restos mortais de Angela são finalmente encontrados numa floresta perto da casa de infância de Geo, o passado vem à tona com uma força devastadora. A investigação é reaberta, e Kaiser vê-se confrontado com uma revelação perturbadora: Angela foi assassinada por Calvin James, um assassino em série responsável pela morte de várias mulheres.

Mas a verdade não é assim tão simples.

Calvin não era apenas um assassino — foi o primeiro amor de Geo, uma relação intensa e sombria, marcada por manipulação, obsessão e silêncio. Durante catorze anos, Geo escondeu a verdade, até que o peso dos segredos a levou à prisão.

Agora, quando tudo parece finalmente resolvido, surgem novos crimes, seguindo o mesmo padrão do assassinio de Angela. E torna-se claro que nada fica no passado, e que a verdade é mais complexa e perturbadora do que parece.

Um thriller psicológico envolvente sobre amizade,
obsessão e segredos que se recusam a ficar enterrados.

«Arrebatador...»

Um thriller que não deixa respirar até à última linha.»

PUBLISHERS WEEKLY



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

    penguinlivros

ISBN: 978-989-589-953-1



9 789895 899531